

Coimbra e o futuro

Quem, vindo de Lisboa e saído da auto-estrada em Condeixa, avista o casario de bilhete-postal, coroado pela Torre da Universidade de Coimbra e pela Biblioteca Joanina, não pode deixar de pensar que está a chegar a uma bela cidade.

E está. Na cidade há património bem recuperado, como a Torre da Universidade, que está exemplarmente restaurada, ou o *Laboratorio Chimico*, que serve de sede ao Museu da Ciência. Mas há também casas a cair aos bocados, tanto na Alta como na Baixa. Quem quiser desfrutar de uma cidade antiga, tanto das coisas da Natureza como do homem, não tem que sair do círculo do horizonte que se vê da Torre (agora pode-se subir lá acima), mas quem quiser preocupar-se com os defeitos citadinos de uma cidade que hesita em entrar no futuro também não precisa de sair fora desse círculo. Coimbra é como o resto do país: capaz do melhor e do pior.

O Paço das Escolas, há muito ocupado pela Universidade, foi, durante a primeira dinastia, residência real depois de ter sido alcáçova árabe. A centralidade de Coimbra é, por isso, histórica, para além, evidentemente, de ser geográfica. Coimbra não é norte, nem é sul, não é litoral, nem interior. Já lhe chamaram o centro do Centro. Os contrastes, físicos e humanos, que há em Portugal encontram-se em Coimbra e arredores.

Coimbra é um burgo de média dimensão cujos residentes podem ir almoçar a casa, o que é impossível numa grande urbe como Lisboa. Mas também é uma cidade onde, por vezes, vai-se lá saber porquê, se encontram, como em Lisboa, desesperantes filas de trânsito (o visitante que chega à Lusa Atenas vê-se grego para chegar à acrópole e ainda mais para estacionar nas imediações). Portanto, tal como no país em geral, quando havia condições para tudo correr bem, não corre. Para perceber Portugal não há como vir a Coimbra.

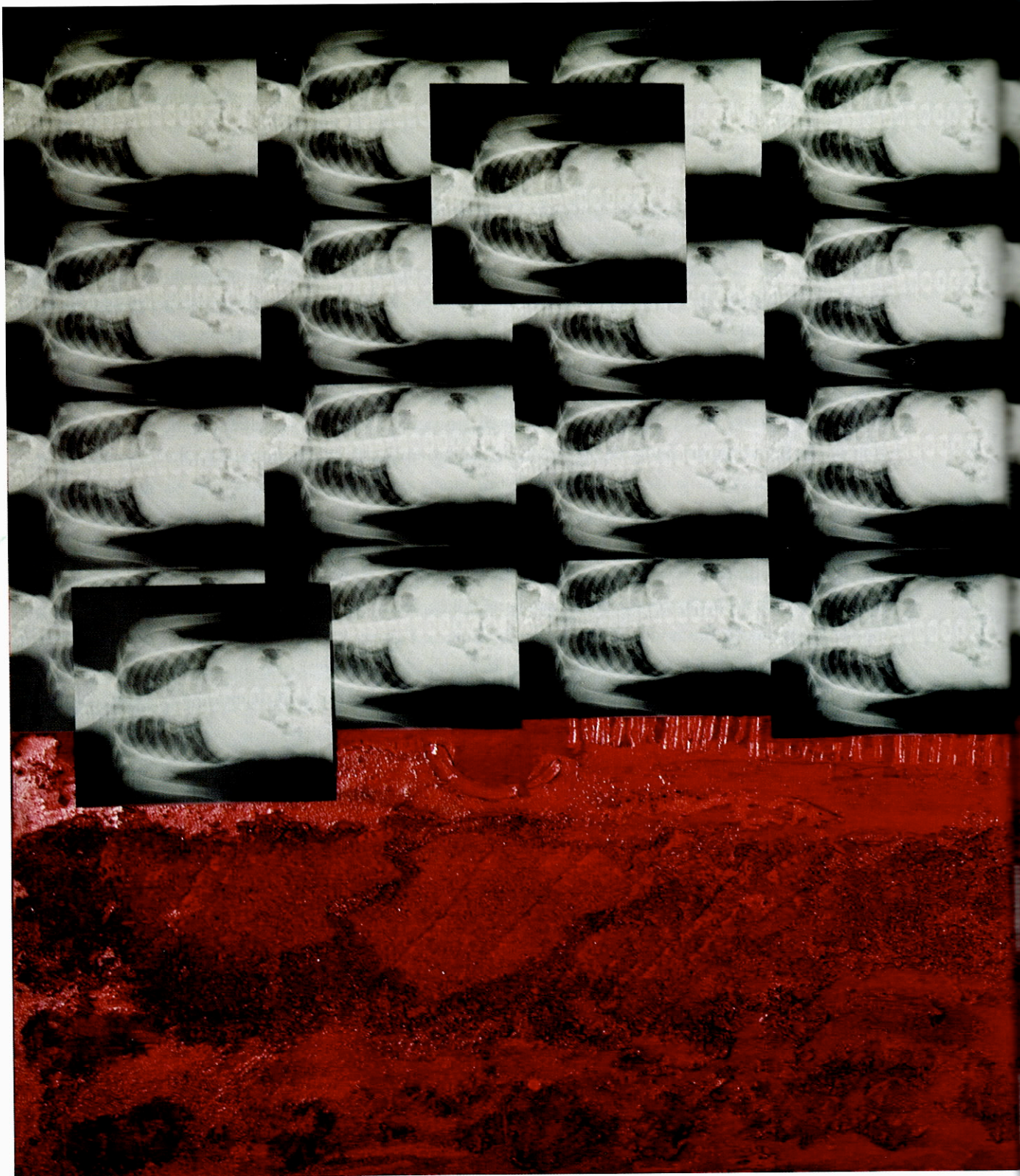
Se o país está centrado em Coimbra, Coimbra está centrada na Universidade. Contudo, há que reconhecer que a Universidade não se tem ligado bem à cidade. A Alta e a Baixa estão de costas voltadas. Sempre houve uma separação entre os doutores, por um lado, e os futricas, por outro. A nítida estratificação social conduziu até a um divórcio do ponto de vista clubístico. Há a Académica, a equipa associada historicamente à Universidade, e o União de Coimbra, a equipa do proletariado urbano. Coimbra só poderá ganhar se conseguir esbater o contraste ao nível da organização social. Tal como o país, aliás.

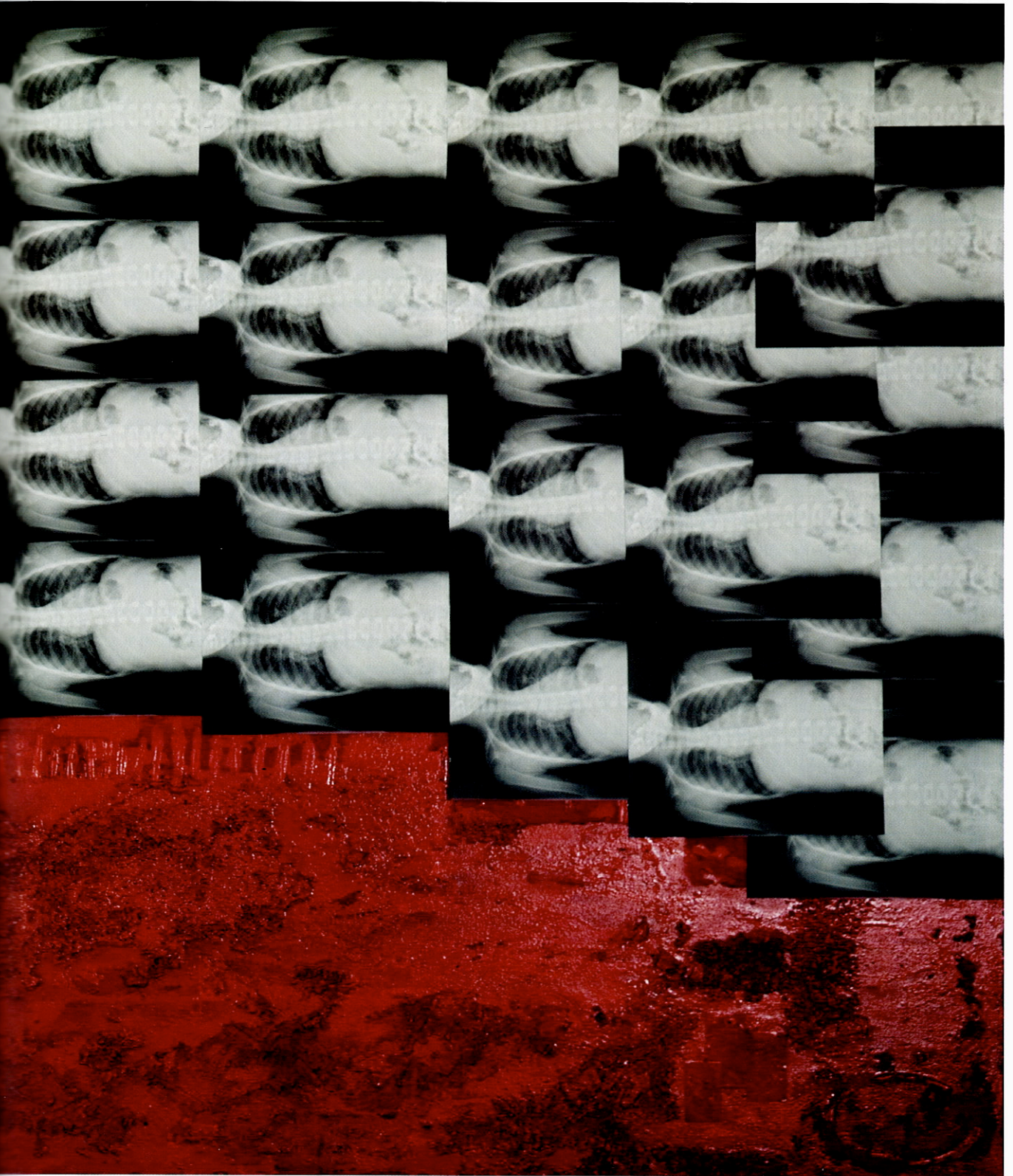
A placa à beira da auto-estrada diz “Cidade do Conhecimento”. Para lá do circuito turístico, encontra-se o Centro de Neurociências, que cultiva a excelência científica na biologia, e o Instituto Pedro Nunes, que alberga uma incubadora de empresas considerada recentemente uma das melhores do mundo. Também se encontra, perto da cidade, o Biocant, o parque português de biotecnologia. Constrói-se, ainda mais perto, o IParque, para onde poderá ir uma empresa de *software* pujante e global, a Critical Software. E funciona, a dois passos da Torre, um dos mais poderosos supercomputadores do país, a Milipeia. Na ciência, impulsionada pela Universidade, é visível um extraordinário avanço, que, embora lentamente, vai contaminando a cidade e o país. A economia regional e nacional agradece. A Torre da Universitária pode, de facto, ser vista como uma antena emissora de conhecimento...

As cidades de hoje são ricas não tanto por terem uma torre antiga mas, sim, porque, querendo ser melhores que as outras, conseguem chegar primeiro ao futuro. E a cultura, tal como a ciência, é prenunciadora de futuro. Mas, no centro do Centro, ela não vai tão bem como a ciência. A Universidade, ainda colada em muitos aspectos a tradições arcaicas, não tem conseguido, na cultura, um poder transformador tão grande como na ciência. Basta atentar, por exemplo, na dificuldade que tem havido em projectar um novo edifício para a biblioteca. É certo que há grupos activos em várias áreas culturais (no teatro, na fotografia, no cinema, nas artes plásticas, etc.), mas a cidade não lhes serve de caixa de ressonância para ecoarem no país. Há bastantes iniciativas avulsas, mas não há uma “movida”. Coimbra, na cultura, não é a lição para o país que deveria ser.

Coimbra tem localização, tamanho e meios invejáveis. Pode até pensar em emular Cambridge, uma cidade universitária onde pulsam há bastante tempo as tecnologias da informação e as biotecnologias, ao mesmo tempo que florescem as indústrias criativas. Mas tem um problema ao nível do simbólico, que só a cultura pode resolver. Para isso, a sua ambição cultural tem de ser maior, muito maior. Quero acreditar que a cidade não tem uma incapacidade cultural permanente, que lhe tolhe o futuro, mas apenas um bloqueio temporário. Quando o ultrapassar, não só a cidade estará mais habitável, mas também decerto o país.

Carlos Fiolhais
Professor Universitário





Coimbra and the future

The tourists, coming by car from Lisbon and exiting the motorway at Condeixa, who see the city houses, crowned by the University Tower, in a nice postcard landscape, may think that they are arriving to a beautiful city.

And surely they are. The city has well-preserved heritage, like the University Tower, which underwent recently an exemplary restoration, or the *Laboratorio Chimico*, the neo-classic building which is now headquarters of the Museum of Science of the University. But, in strong contrast, there are also houses in ruins, both uptown and downtown. Those who want to enjoy what a very old city has to offer, natural and artificial, do not have to leave the horizon circle seen from the Tower top (now it is possible to climb the steps up to the terrasse!), but those who want to worry about the failings of a city which hesitates in entering the future do not have to go out of that circle either. Coimbra is like the rest of the country: capable of the best and the worst.

The *Paço das Escolas*, long since occupied by the University, was previously a royal residence during the first dynasty, after being a Moorish fortress. Coimbra's centrality is, therefore, historical, besides being geographical. In fact, Coimbra is neither North nor South, it is neither coast nor hinterland. It has appropriately been called the centre of the Centre of Portugal. Curiously, the contrasts, physical and human, that may be seen in Portugal can all be found in Coimbra and its surroundings.

Coimbra is a middle-sized city where its inhabitants can go home for lunch during the workdays, something that is impossible in a city like Lisbon. But it is also a city where sometimes it is possible, one wonders why, to stumble upon traffic jams as in Lisbon (a visitor arriving to the *Lusa Atenas* – “Portuguese Athens” – has difficulties to understand why it is so hard to get to the “Acropolis” and even more so to park there). Therefore, just like in the country as a whole, when there are conditions for things to go well, they do not. In order to try to understand Portugal there is nothing better than coming to Coimbra.

If the country has its centre in Coimbra, Coimbra is centred in the University. Nevertheless, one has to acknowledge that the University has not connected well to the city. Uptown and downtown have their backs turned to each other. There was always a gap between *doutores* (not only professors and graduates, but also students), on the one hand, and *futricas* (all the other inhabitants), on the other hand. The sharp social stratification has even led to a divorce regarding the choices in terms of football teams. One of them is Académica, the team historically associated with the University, and the other one is União de Coimbra, the team supported by the urban proletariat. Coimbra can only win if it manages to smooth the contrasts at the level of social organisation. Just like the country, for that matter.

The sign on the motorway says *Cidade do Conhecimento – City of Knowledge*. Beyond the touristic circuit, there is the Centre for Neurosciences and Cellular Biology, which fosters scientific excellence in biology, and the Pedro Nunes Institute, which hosts an incubator that recently won the *Best Science Based Incubator Award 2010*. Near the city there is also Biocant, the Portuguese biotechnology park. Even closer to the city, the IParque is being built and it will probably host a global and thriving software company – Critical Software. Two steps away from the Tower it is housed one of the country's most powerful supercomputers – *Milipeia (Millipede)*. Science, with the University's thrust, has been showing an extraordinary advance in recent years, which, even though slowly, is spreading to the city and to the country. The regional and national economy is grateful. The University Tower can, indeed, nowadays be seen as an antenna emitting knowledge...

Cities are today wealthy not because they have an old tower, but because, wanting to be better than the others, they manage to get first to the future. And culture, as science, is a good predictor of future. How is culture going in Coimbra? Unfortunately, in the centre of the Centre, culture is not going as well as science. The University, in many aspects still stuck to some archaic traditions, has not been able, in the cultural field, to achieve a transforming power as significant as in science. And the city is not helping. To make the point, it is sufficient to note, for instance, the difficulty to plan a new building for the old University library, which could make a strategic alliance with the City Library. It is true that there are active groups in several cultural areas (theatre, photography, cinema, visual arts, etc.), in most cases with young people, but the city does not act as a sounding board to make them resonate throughout the country. There are plenty of loose initiatives, but there is no *movida*. The fado song may say that *Coimbra é uma lição – Coimbra is a lesson*, but, in culture, Coimbra is not the lesson to the country that it should be.

Coimbra has enviable localisation, size and means. It should think about emulating Cambridge, an old university city where the vibrations from the information technologies and the biotechnologies have been pulsing, at the same time that the creative industries flourish. But the city has a problem which blocks the change, a problem at the level of the symbolic that only culture can solve. To accomplish this, its cultural ambition must be bigger, much bigger. I want to believe that the city does not have a permanent cultural incapacity, which hampers its future, but only a temporary blockade. And, when it will overcome it, not only the city, but also the country will certainly be more liveable.

Carlos Fiolhais
University Professor